



---

Título: O Terrorismo Combatido com Terror. A guerra no Afeganistão e seu reflexo nas políticas internacionais.

Autor(a): Micaella Rodrigues de Oliveira Saliba

Publicado em: Revista Eletrônica de Direito Internacional, vol. 5, 2009, pp. 387-416

Disponível em: <http://www.cedin.com.br/revistaeletronica/volume5/>

ISSN 1981-9439

---

Com o objetivo de consolidar o debate acerca das questões relativas ao Direito e as Relações Internacionais, o Centro de Direito Internacional – CEDIN - publica semestralmente a Revista Eletrônica de Direito Internacional, que conta com os artigos selecionados de pesquisadores de todo o Brasil.

O conteúdo dos artigos é de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es), que cederam ao CEDIN – Centro de Direito Internacional os respectivos direitos de reprodução e/ou publicação. Não é permitida a utilização desse conteúdo para fins comerciais e/ou profissionais. Para comprar ou obter autorização de uso desse conteúdo, entre em contato, [info@cedin.com.br](mailto:info@cedin.com.br)

## **O TERRORISMO COMBATIDO COM TERROR. A guerra no Afeganistão e seu reflexo nas políticas internacionais.**

*“O terrorismo internacional constitui a única saída aberta para os que não se identificam com a estrutura da ordem internacional existente”*

*Noberto Bobbio*

Micaella Rodrigues de Oliveira Saliba \*

### **RESUMO**

Este trabalho objetiva-se a avaliar as causas e conseqüências da guerra no Afeganistão e a inserção americana no conflito, apontando o desrespeito aos direitos humanos, o desprezo a inocentes, a ganância da super potência na justificativa de seus atos e a implicância desse terror nos dias de hoje.

Demonstra a ineficácia do sistema de segurança internacional, desde a Guerra Fria até as reais e atuais causas do conflito.

Por fim relata as “novíssimas relações internacionais”, incluindo a Doutrina Bush aplicada à guerra no Afeganistão e as novas políticas adotadas por Barack Obama que comprovam que as ações terroristas têm forte influência na forma que se delineiam as políticas internacionais do mundo atual.

### **1. INTRODUÇÃO**

Inicialmente a Guerra no Afeganistão ou Invasão Soviética ao Afeganistão foi um conflito armado de nove anos entre tropas soviéticas que apoiavam o governo afegão contra insurgentes *mujahidin* afegãos, que procuravam derrubar o regime comunista no país. No contexto da Guerra Fria, a União Soviética apoiou o governo, enquanto que os rebeldes receberam apoio dos Estados Unidos, do Paquistão e de outros países muçulmanos. Foi um conflito de alto custo o que possivelmente culminou a queda da URSS.

Após o golpe de Estado comunista o Exército Vermelho invadiu o Afeganistão em função da incapacidade do governo de enfrentar os rebeldes e da duvidosa lealdade a

---

\* Estudante de Relações internacionais pelo Instituto de Ensino Superior de Brasília, cursando o 2º semestre.

E-mail: micaella.saliba@gmail.com

URSS, na justificativa de manter a paz na Ásia central, contudo tanto nesse conflito, quanto no conflito que perdura até hoje a verdadeira justificativa é a existência de petróleo na área, justificativa que é mascarada para que a ganância de poder das grandes potências seja encoberta e seu status não seja prejudicado, quando na verdade as ações que sugerem a paz e uma abertura econômica que não praticam acabam praticando o desvirtuamento do livre mercado que nos criticam outros. A isto os especialistas chamam de realismo aplicado à política de comércio exterior.

Com o fim da guerra fria, a retirada das tropas soviéticas e o domínio dos Talibãs de quase 95% do território afegão o controle das terras tornou-se quase impossível e passou a dificultar a ação de grupos a favor da salvação do Afeganistão, a Aliança do Norte.

O estopim para a atual guerra foram os atentados de 11 de setembro. Dentro de uma herança conflituosa num país do oriente médio, onde uma superpotência militar a qual exerce sua hegemonia militar sobre o mundo nas duas últimas décadas foi ferida tanto materialmente quanto economicamente e principalmente seu status, o fim da história não poderia ser diferente. Era de se esperar que os EUA, a nação dos estados unidos em prol do bem mundial conhecido por sua estratégia confrontacionista, criaria frentes de diálogo e argumentos próprios a fim de proteger seu precioso mundo.<sup>1</sup>

## **2. AS RAÍZES GERADORAS DO CONFLITO**

Podem-se classificar, grosso modo, em quatro tipos as ações que se dizem “terroristas” e diversos são os exemplos com o passar da história: o *terror religioso* e fundamentalista (no caso de muçulmanos, cristãos e judeus extremistas que muitas vezes fazem de seu corpo uma arma de guerra); os do tipo *mercenário* (aqueles que se movem por dinheiro). Pessoas que abraçam essas concepções até editam uma revista em plano mundial denominada *Soldiers of Fortune* e agiram muito em território africano nas décadas de 1960 e 1970 do século passado. Um terceiro tipo seriam os *nacionalistas* (como o exército Republicano Irlandês – IRA na Irlanda e a ETA, no país Basco) e por

---

<sup>1</sup> Não é novidade esse tipo de postura dos EUA, na guerra israelense no Líbano, os EUA foram incapazes de oferecer qualquer projeto político, salvo propugnar o direito de legítima defesa de Israel. Todavia, rechaçam o mesmo direito aos civis libaneses. Conquanto os EUA não possam tomar decisões militares por Israel, podem e devem dissuadi-lo de certas condutas. [...] (ELIAS, 2007, p17)

fim os *ideológicos* sejam eles de esquerda ou de direita (o caso das milícias americanas das quais era membro Timothy McVeigh, na ação em Oklahoma).<sup>2</sup>

O terrorismo passou a ganhar grande força, principalmente nos meios de comunicação em massa, a partir dos atentados de 11 de setembro, em 2001, que foi um ponto crucial ao estopim dessa nova modalidade de luta de ideais. Ao buscar explicações plausíveis aos acontecimentos os resultados serão surpreendentes, pois apontarão pontos claros de interesses da cada uma das partes.

O cidadão saudita chamado Osama Bin Laden já foi considerado pelos queridinhos da mídia ocidental como sendo um “guerreiro da liberdade”. Era assim que ele era chamado, quando decidiu lutar contra o exército soviético – o Vermelho – na guerra pela ocupação do Afeganistão pela antiga URSS a partir de 1979, guerra essa que durou quase dez anos (a que alguns autores chamam de o Vietnã soviético). Nessa época, os guerrilheiros islâmicos de Osama receberam armas, milhões de dólares e até mesmo treinamento por parte das agências de inteligência dos EUA.

Contudo Osama sempre foi o mesmo Osama de hoje em dia: um fundamentalista islâmico, tão radical em seus pensamentos e propósitos, quantos os cristãos protestantes, a nova direita americana, que professam fé de orientação também fundamentalista.

A grande ofensiva dos EUA contra o Afeganistão foi a alegação de que seu governo apoiava Osama Bin Laden - o antigo aliado dos EUA - nos atentados que abalaram a hegemonia americana.

Em meados de setembro de 2001, Bush amargava oito meses apenas no começo de uma frágil eleição e polemica gestão, principalmente por não ter sido eleito pelo povo e sim pela suprema corte. No dia seguinte a queda das torres e o discurso bélico, militarista a popularidade de bush subiu para 80% de aprovação.<sup>3</sup> Porém qual a certeza e qual o fundamento os EUA se embasavam para a invasão afegã na justificativa de acabar com o governo o qual apoiava o maior “bandido” da historia.

Como que a super potência, os grandes falcões da democracia, os maiores detentores mundiais de poder bélico há mais de duas décadas foram se tornar reféns de um grupo de terroristas que tinham apoio de uma organização de rebeldes altamente

---

<sup>2</sup> ARBEX JR, José, *Terrorismo: um legado da história*, 9 de outubro de 2001, 3 páginas, que circulou na Internet em língua espanhola, sem maiores referências.

<sup>3</sup> Dados percentuais da revista espaço acadêmico de julho de 2005.

recentes - os Talibãs – e tornaram-se os maiores financiadores de uma guerra suja, mostrando-se fracos na ação dos direitos internacionais.

O mundo teve conhecimento dos Talibãs, em 1994, quando foram nomeados por Islamabad para proteger um comboio que tentava abrir uma rota comercial entre o Paquistão e a Ásia Central. O grupo composto por afegãos treinados em escolas religiosas do Paquistão, juntamente com ES combatentes islâmicos – mujahedin – revelou ao estado grande eficácia de guarda e de condução contra aqueles que tentavam atacar o comboio. Eles passaram a tomar a cidade vizinha de Kandahar, começando um notável avanço que levou à captura da capital, Cabul, em setembro de 1996. A popularidade dos talibãs surpreendeu as facções beligerantes, e grande parte desse apoio veio da comunidade, que estavam desiludidos com a vigente etnia governamental.

Mas não foi apenas uma questão de etnia, afegãos cansados da “anarquia” prevalente em muitas partes do país<sup>4</sup>, o povo afegão se viu encantado pelo sucesso dos Talibãs em carimbar a corrupção, restabelecer a paz e fazer com que o comércio florescesse novamente.

A recusa dos Talibãs em lidar com as rivalidades existentes e a busca extremista de criar um mundo melhor e um Estado islâmico puro, proibindo direitos como a liberdade a expressão, ao trabalho, a cultura, a política, em suma direitos humanos garantidos pela carta da ONU sobre direitos humanos.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> As tradicionais divisões étnicas são acentuadas por rivalidades tribais. Cada afegão sente-se mais ligado a um grupo comunitário, que pode ser uma tribo, um clã ou simplesmente uma grande família. Pode-se dizer que é fácil mobilizá-lo para a guerra. Mas é quase uma missão impossível estabelecer uma unidade entre centenas de líderes comunitários de diversas etnias, sunitas ou xiitas, muitas vezes com uma longa história de hostilidade entre si. Os talibãs pretenderam, com algum sucesso inicial, estar acima disso tudo. Essa é também uma das “armas” que os Estados Unidos tentam atualmente usar para derrotar de forma mais rápida o regime dos talibãs que, desde meados da década de 1990, passou a dominar o Afeganistão e tem dado abrigo a Osama Bin Laden, aquele que é acusado pelo governo norte-americano de liderar a organização que perpetrou os atentados de 11 de setembro. (tradução livre)

<sup>5</sup> Direitos Humanos passaram a ser requisito da ordem internacional, é uma espécie de direito coletivo de terceira geração e de responsabilidade de todas as nações. Ao estabelecer o direito ao desenvolvimento a ONU se volta diretamente ao exercício de promover a cooperação internacional.

Os Talibãs por muitos anos reinaram como a esperança de luta na busca do islamismo perfeito e puro, buscando fielmente suas raízes.<sup>6</sup> Ações que tentavam suprimir a criminalidade usam de atitudes frias e funestas nessa luta de introdução da lei islâmica através de passos sujos e injustos que incluem execuções públicas e amputações.

É compreensível a posição inicial dos afegãos que carregam em seu histórico de vida uma historia sangrenta, marcada de guerras internas, conflitos, mortes. Os afegãos tornaram-se uma nação frágil que é domada pelo medo e pelo desprezo a si próprios.<sup>7</sup>

São uma nação que geopoliticamente e nacionalmente abrangem uma área reluzente aos olhos dos grandes gigantes econômicos que não medem forças quando se trata do seu *status quo*.

Nesse sentido disserta Bresser (2006):

A resposta desesperada de impotentes nações dominadas é chamada de terrorismo e os movimentos de libertação nacional, por outra vez, reduzido a movimentos islâmicos religiosos fundamentalistas. Assim uma questão complexa e multifacetada limita-se a “guerra de civilizações” ou à luta do bem contra o mal. O que legitimaria qualquer ato.

---

<sup>6</sup> Essas ações extremistas dos Talibãs tornam a inserção de uma democracia algo quase que impossível, uma vez que limita a ação dos civis a liberdade de expressão e a criação de uma cooperação internacional, já que essa posição protecionista, egoísta, e radical, até mesmo realista com um protecionismo exagerado fecham frentes de diálogos ao invés de abrir, tornando o governo dos talibãs uma falsa proposta de esperança ao povo afegão que necessita da implementação de uma política desenvolvimentista.

<sup>7</sup> Nesse sentido deve-se tomar muito cuidado com a classificação dos terroristas, não se podem confundir os guerrilheiros afegãos com os terroristas, não se pode nem ao menos igualar os Talibãs a Al-Qaeda. Apesar dos Talibãs apoiarem o grupo terrorista, no favorecimento de si próprios, as causas que lutam, talvez até sejam as mesmas, mas os meios que utilizam são bem diferentes; lembrando sempre que terroristas não diferenciam inocentes, lutam pelo que querem sem a preocupação das suas conseqüências, enquanto os guerrilheiros, que lutam com armas em seu próprio punho, lutam ‘justamente’ por um diferencial, medem a voracidade dos seus atos e separam seus alvos dos civis os quais são o impulso de suas causas.

O Afeganistão sofreu 20 anos de guerra, e no seu findar rendeu uma terrível seca que agravou ainda mais a fragilidade do país.

Haviam poucos sinais de mudança na política dos Talibãs, entretanto com o apoio explícito ao grupo terrorista Al Queda e a simpatia notória por seu líder, Osama Bin Laden – principal inimigo do grande “gigante narciso”<sup>8</sup> – os próprios Talibãs tornavam a situação propícia a intervenção de outras nações na busca da paz mundial, de regimes civis justos e na ascensão econômica dentro dessa formidável fonte de poder.<sup>9</sup>

Gera-se dessa forma um território aberto a guerras e conseqüentemente na morte de inocentes, situação que nunca contará a verdade completa, e a verdade exige a confissão de que o extermínio de civis por “engano” é um elemento inseparável da terrível noção de “punição coletiva” (MAGNOLI, 2006, p. J3). Civis inocentes são as vítimas precípua de todas as guerras.

Compreendendo a ascensão dos Talibãs o decorrer da guerra mostra-se mais compreensível, porém jamais justificável.

### **3. OS ATAQUES TERRORISTAS**

Há uma série de elementos que deixa o mundo estupefato em relação, a conduta Americana. Inúmeros erros administrativos do governo Bush tornam a situação ainda mais revoltante; são ocorrências ou imperdoáveis e passíveis de impeachment, ou de extrema conivência.

No dia 11 de setembro de 2001, aconteceu a grande mudança do novo mundo, o marco do século XXI, os ataques terroristas que mudaram o mundo, delinearam as ‘novíssimas relações internacionais’ e temos os resquícios desses atentados atualmente

---

<sup>8</sup> Narciso era um belo rapaz que todos os dias iam contemplar sua beleza num lago. Era tão fascinado por si mesmo que certo dia caiu dentro do lago e morreu afogado. Os EUA atualmente encontram-se nessa situação, pois na confiança de superpotência e na completa certeza da sua eterna hegemonia estão sendo engolidos pelas margens de seu próprio lago de egocentrismo e super protecionismo, os quais tentam emergir de suas águas gananciosas e pretensivas que apesar da tempestade ainda exerce maioria influência nas questões de cooperação internacional e sua política externa ainda rege boa parte do cenário internacional.

<sup>9</sup> O Afeganistão assim como a maioria dos países do oriente médio é riquíssimo em jazidas de petróleo, são elas que impulsionam essa falsa vontade de implementar políticas reguladoras dos direitos civis em prol de um bem comum das super potências quando na verdade, essencialmente a única coisa que visa se conseguir é um aumento no poderio econômico e o fortalecimento de sua supremacia.

em todo o cenário internacional, desde os países envolvidos até os organismos internacionais. O 11/9 inaugurou um período de retração da globalização, cujos efeitos foram claramente superdimensionados. Esse período, de grande peso do terrorismo na agenda de segurança, legou aos Estados Unidos o gigante burocrático do Department of Homeland Security e uma obsessão permanente: capturar Osama Bin Laden.

É de cunho duvidoso que um país tão preparado quanto os EUA, com sua ‘super’ agência de inteligência, não percebeu nenhum faro do ataque. Como é possível que ninguém perceba a baixa altitude de dois aviões voando no centro da cidade, o seqüestro dos mesmos passe despercebido aos olhos de todos. Como ainda após o primeiro ataque, um segundo avião atinge sem dificuldade alguma a outra torre, e pra completar o pentágono é atingido como se fosse um jogo de mira na mão dos terroristas.

O 11 de setembro transmite a impressão de ter sido um jogo de criança, daqueles em que se deve acertar a boca do palhaço. O grande falcão em segundos tornou-se o palhaço na mão dos terroristas e numa proposta que inicialmente pareceu desconhecida aos olhos de todos. O que na verdade acontecia, era que os EUA tinham planos políticos de invasão ao Afeganistão na justificativa da democratização do mesmo, e eles também apoiavam (e ainda apóiam) a Aliança do Norte.

Com a desculpa dos atentados, a entrada no Afeganistão passou a ser uma porta de entrada a tropas americanas, já que os Talibãs – o governo vigente na época dos ataques – apoiavam o Al Qaeda, o financiador e promotor dos ataques.

No entanto, questões gravíssimas são levantadas, como a prevenção dos ataques por parte da agência de inteligência. Um mês antes dos atentados de 11 de setembro, a CIA teria alertado o presidente Bush sobre os riscos de ataques terroristas citando especificamente a Al Qaeda, a rede comandada por Osama Bin Laden. A rápida identificação dos terroristas pelo FBI logo depois dos atentados comprovou que havia informações disponíveis sobre a maioria deles. Soube-se mais tarde que uma escola de pilotagem de Minnesota havia denunciado as atitudes estranhas de um dos terroristas, o francês de origem marroquina Zacarias Moussaoui, que queria apenas aprender a pilotar um avião sem se interessar pelos momentos da decolagem e do pouso. O que grita aos olhos de todos é que os ataques seriam convenientes ao presidente, teorias conspiratórias afirmam que os ataques eram de conhecimento do governo americano, o qual apenas monitorou o ataque no intuito de criar uma situação propícia aos planos de

invasão ao Iraque e Afeganistão.<sup>10</sup> A rápida identificação dos terroristas pelo FBI, comprova que haviam informações disponíveis sobre a maioria deles.<sup>11</sup>

Existe como postulam muitos especialistas em conspirações, um governo à sombra que controla tudo, que decide como e de que maneira se desenvolverão os fatos futuros? É correto que esse grupo ultra-poderoso seja capaz de programar guerras e tratados de paz, sobrepor-se até os mais poderosos de um governo, aos seus homens de confiança, e derrubá-los quando deixam de ser úteis? A possibilidade de que essas suspeitas estejam certas é por si só, aterradora para os que gostam de viver em liberdade.

Essa questão de que o governo estava ciente dos atentados jamais será respondida, porém tudo aponta para essa conveniência dos ataques, entretanto ambos os lados estão errados, o governo americano quando cria a guerra contra o terror, que luta contra o terrorismo utilizando ideais semelhantes e ate mesmo idênticos aos usados pelos terroristas, e os integrantes da Al Qaeda por usarem seus recursos de forma desenfreada e sem respeito a nenhum individuo.

A questão-chave é que se essas conspirações um dia existiram, podem continuar surgindo e se desenvolvendo a cada momento, enquanto isso a guerra permanece.

#### **4. O CONTRA - ATAQUE.**

A invasão ao Afeganistão comprova uma lei da física; o princípio de ação e reação, toda ação corresponde uma reação de igual intensidade e sentido contrário.

O super patriotismo dos EUA foi a grande causa que impulsionou os cidadãos americanos a apoiarem a guerra contra o terror. Foi o patriotismo amortecedor de direitos, mais do que o temor de mensagens subliminares, que justificou para o povo a recomendação governamental de autocensura à retransmissão de vídeos da estação Al

---

<sup>10</sup> De fato os ataques foram propícios ao governo americano. A popularidade de Bush subiu rapidamente com sua proposta da guerra contra o terror, tornando-se o líder dessa empreitada, e a indústria de armas, uma das principais financiadoras da campanha de Bush, se encheu de alegria com as encomendas e com a valorização das ações nas bolsas de valores.

<sup>11</sup> Mais um fato que comprova a apatia do governo americano nessa frágil situação de ataques terroristas. Diante de tantas evidências, surge mais uma pergunta inexplicável: por que de tanta indiferença com seu próprio povo, não são apenas afegãos que morreram, foram americanos, aqueles que acreditaram no governo, aqueles que motivam a nação a continuar crescendo. São perguntas que jamais terão respostas. Sempre serão enigmas indecifráveis àqueles que perderam uma parte de si.

Jazeera (a "CNN" árabe, do Qatar) em que Bin Laden aparecia, com discurso igual ao do Presidente Bush, apenas com os sinais trocados.

Foi uma manipulação suja contra o povo americano, fragilizado com toda a situação. Naquele momento a população estava altamente suscetível aos planos do governo, todos estavam assustados com um atentado daquela magnitude, inseguros quanto a novos ataques, ou seja, tornaram-se uma população maleável as vontades das autoridades.

As novíssimas relações internacionais surgem nesse contexto. Os atentados – até então convenientes – ajudaram também na concretização das políticas conservadoras dos EUA há tempos construídas.

Os americanos lançaram-se numa guerra de aniquilação ao terrorismo com uma força moral que eles só tiveram a seu lado na II Guerra Mundial. O conceito sujo e egoísta da “guerra contra o terror” fica claro no discurso de George W. Bush, quando afirma:

"Nossa reação envolve muito mais que ataques isolados. Americanos não devem esperar uma batalha, mas, sim, uma campanha longa, diferente de qualquer outra que nós já vimos. Ela pode incluir ataques dramáticos mostrados pelas televisões e operações tão secretas que até mesmo seu sucesso permanecerá sigiloso. Vamos cortar os financiamentos dos terroristas, jogar uns contra os outros, fazê-los correr de um lugar para o outro até que não haja mais refúgio nem descanso. Vamos perseguir nações que ofereçam ajuda ou abrigo seguro ao terrorismo. Cada país tem uma decisão a tomar. Ou está do nosso lado ou do lado dos terroristas"

Essa situação que os EUA propõem ao mundo é um ato que fere a soberania dos Estados, pois exclui, através do uso da força, a possibilidade de que os países se neutralizem diante do conflito.

Essa posição protecionista e conservadora, com resquícios realistas extremos em pleno séc. XXI expressa uma política mal acabada e inescrupulosa dos EUA que não mediu as conseqüências de seus atos, nem em relação à segurança própria do país, muito menos a segurança alheia. Muito do que fez causa uma sensação qualificada, na versão mais diplomática, de mal-estar internacional. Em vez de resolver a grande pendência do Oriente Médio, que indiretamente alimenta a praga terrorista, Bush ajudou a acirrá-la.

Isso tudo nos faz questionar sobre quem seria George W. Bush; o salvador da pátria em legítima defesa, impulsionado pelas bases do patriotismo e amor a nação, ou

um cowboy do inferno, tomado pela sede de poder, o qual luta de forma tola e precipitada?

A tensão que tomou conta do mundo pós 11 de setembro, aparenta uma ineficácia de controle do homem no comando da maior potência de todos os tempos.

Bush, protegido pela popularidade de seu segundo mandato<sup>12</sup> atrelado ao sentimento de vingança, passa a deixar o mundo intrigado. Suas atitudes tornam-se errôneas e perigosas quando suas ações passam a prejudicar os próprios interesses americanos<sup>13</sup>, quando a figura de Bush passa a ser, não mais de salvador, mas de ser o homem errado na hora errada. Após os ataques, tudo o que a grande potência espargi, o mundo absorve, sejam benéficas ou não, contudo o que vem ocorrendo é que essa proliferação tem sido exaustivamente má, o que só fortalece esse mal-estar internacional.

É mérito aos EUA a invasão ao Afeganistão, no sentido de que neutralizou a ação dos terroristas que se movimentavam livremente pelo território, e ainda serviu arquivar o regime dos Talibãs nas excentricidades históricas, entretanto o discorrer da história não se dá exatamente assim, com essa vitória fácil e aceitação plena.

Quando Richard Armitage, que é vice-secretário de Estado afirma: "Nós temos mais influência, poder e prestígio do que qualquer outro país na história da humanidade", segundo ele isso causa um acerta inveja, quando realmente o sentimento que causa é de revolta e desconfiança, partindo tanto da ineficácia que os aliados passam a ter quanto do Oriente Médio.

Ainda dentro desse ponto de vista, a ação desenfreada e previsível dos EUA gera uma forma de repressão, tanto de seus cidadãos quanto de seus alvos. Essa ação de repressão, talvez seja uma das explicações plausíveis ao financiamento dessa guerra contra o terror.

Foucault não está errado quando diz:

---

<sup>12</sup> Mais uma vez dados estatísticos comprovam que dentro dos EUA a popularidade de Bush subiu absurdamente quando o mesmo toma pra si, como cidadão e como presidente, a guerra contra o terror, persuadindo a população a crer que o país luta pela segurança e paz eterna, quando na verdade não mede forças para garantir sua hegemonia e comprovar (a grosso modo) quem é que manda.

<sup>13</sup> Isso acontece quando as guerras preventivas começam a ocorrer e as suas ações bélicas passam de ser objetivadas por proteção e toma um viés de ambição, o que coloca o país cada vez mais em risco eminente de ataque, as ações não são mais apenas arrogantes, prepotentes e unilaterais, desse modo tornam-se perigosas.

“O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito, é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.”

Em suma ele mostra que essa nova doutrina foi aceita porque em algum momento ela demonstrou um grande benefício comum, entretanto o que é posto aqui, é que a manutenção dessa guerra tem sido desnecessária e até mesmo autodestrutiva, uma vez que deliberadamente enfraquece a si e a seu inimigo, criando novamente um impasse e gerando uma desconfiança mútua.

A aceitação do poder americano consente a ação irregular deles no Afeganistão. Depois de tanto tempo, cabe a ressalva de que a guerra já perdeu sua legitimidade e legalidade, e ainda mais que isso, questiona-se se alguma vez essa guerra foi legal e/ou legítima.

Samuel P. Huntington comenta:

Com o fim da Guerra Fria as tensões mundiais já não se dariam pela rivalidade entre nações ou por ideologias, e sim pelas diferenças culturais e religiosas.

A resposta dos EUA e da Inglaterra aos ataques comprovam que Huntington na essência estava correto. O velho mundo bipolar da Guerra fria foi sucedido por uma nova ordem polar, marcado por um momento unipolar de aparentemente indisputável supremacia norte-americana<sup>14</sup>.

O campo das relações internacionais é o campo da hipocrisia, logo dessa forma é correto afirmar a ação dos EUA como legítima defesa, contudo cabe colocar que a legítima defesa preventiva não é autorizada. A legítima defesa constitui em toda sociedade uma competência deixada aos seus membros para se protegerem de um delito cometido por terceiros (o que foi o caso), mas compete ao Estado intervir no momento em que é produzida a ilegalidade, ato que não ocorreu. Como já citado, a concessão da

---

<sup>14</sup> É nítida a vontade americana por uma nova ordem unipolar, entretanto a verdade que se concretiza é que respiramos aliviados com o fim da Guerra Fria. Ao invés de termos espíritos livres e desarmados, passamos a viver assombrados pelos fantasmas nucleares e por todo esse meio de ação e reação. O que agora mais aflinge a todos não é mais a possibilidade de guerra e sim de onde emanará o conflito, pois Veríssimo está correto ao dizer que perdemos a primeira condição para um tranquilizante de equilíbrio de terror, que é saber de que lado virão os mísseis.

população garantiu a legitimidade das ações norte-americanas, com o eterno slogan do bem contra o mal.

A guerra hoje se delimita de uma única e clara forma: Os falcões republicanos da democracia estão sendo considerados urubus da hipocrisia sistêmica, esperando que sua presa morra para dar o bote.

## 5. OS ALIADOS

A união de países europeus com os EUA vai além de uma simpatia ou de um medo imposto. Essa afinidade surge do que podemos dizer derivação européia. Noam Chomsky afirma que somos uma mera ramificação da Europa, basicamente. Explica ele: Há centenas de anos, a Europa vem corriqueiramente massacrando pessoas em todo o planeta. Foi assim que conquistaram o mundo, não oferecendo docinhos para bebês.

Ao longo dos séculos, a Europa realmente passou por várias guerras mortíferas, mas essas guerras sempre envolveram matadores europeus matando outros europeus. Durante muito tempo, o principal esporte europeu foi massacrar-se uns aos outros.

Após o 11 de setembro, essa foi a primeira mudança nesse cursor. Pela primeira vez as armas mudaram de direção, o bandido passou a ser alvo dos alvos. É por isso que a Europa alia-se aos EUA, pois mais do que uma atrocidade instantânea o 11 de setembro foi algo totalmente inesperado que fez o mundo se questionar sobre quem realmente segurava o chicote e quem levava as chibatadas. O apoio Britânico aos EUA também serviu como argumento para os ataques do 11 de setembro. O mundo está cansado de saber dessa parceria tirana entre Europa e EUA, unidos pelos moldes bélicos e econômicos.

O que estarreceu ao mundo foi essa cumplicidade imposta, que surgiu da falha do “guarda – chuva” das Nações Unidas e do uso da “força legítima” dos EUA.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Justificativa baseada na guerra justa.

Causas para mover uma guerra:

- a) Necessidade, quando de outro modo não haveria como manter a vida;
- b) Utilidade acerca do direito de vingar agressões sofridas, pois quem não as vinga, atrai outras sobre si.

É útil para obter reparação do dono e porque não se deve suportar pacificamente a violação de nossos direitos. (GENTILI, 2004. p. 148 e 154.)

Entretanto esse fundamento é inválido nessa guerra contra o terror uma vez que não foi somente um contra-ataque, mas sim uma ação preventiva e desenfreada, sem fundamentos que ofereçam os supostos riscos alegados, em suma uma guerra ilegítima e ilegal, que viola sistematicamente as regras do *ius belli*.

Quando a Europa, especificamente a Grã – Bretanha, compra a briga norte-americana, isso abre portas muito perigosas, pois a defesa por essa política externa e unilateralismo específico dos EUA propicia a ataques não mais de magnitudes específicas – como foi o 11 de setembro - mas sim ataques tão imprevisíveis que coloca em xeque esse posicionamento americano, uma vez que os EUA ainda insistem na manutenção dessa guerra interminável aos olhos de todos.

O que tinha um propósito de erradicação do terrorismo virou algo que financia o terrorismo de Estado<sup>16</sup>, partindo dos EUA e da Grã - Bretanha, uma vez que aliados, tornam-se alvos do mesmo jeito.

Os ataques que vem ocorrendo em Londres comprovam ainda mais esse medo que fragilizou toda a Europa. Não se sabe exatamente a origem dos ataques, mas questiona-se o envolvimento do IRA por não haver correntes, no interior do movimento pela justiça mundial, que acreditem em tomar civis como alvos. Portanto, seria seguro presumir que a causa desses atentados seja o apoio político e militar incansável que o Novo Trabalhismo e seu premiê oferecem às guerras norte-americanas do Afeganistão e do Iraque.<sup>17</sup>

Tariq Ali<sup>18</sup> disserta:

“A guerra contra o terror sanciona o uso de terrorismo de Estado -ataques de bombardeio, tortura, incontáveis mortes de civis no Iraque e no Afeganistão- contra anarquistas islâmicos cujos números são pequenos, mas cujo alcance é mortífero. A solução, então como agora, era política, não militar. A elite governante britânica compreendeu perfeitamente isso no caso da Irlanda.”

Contudo no caso afegão essa compreensão foi ignorada, quando medidas de seguranças tomadas às pressas pelo Parlamento britânico ao invés de amenizar os ataques, só propunham uma maior resposta irracional de jovens mulçumanos.

---

<sup>16</sup> Não se deve esquecer que o terrorismo de Estado matou mais gente do que qualquer grupo de terrorismo individuais.

<sup>17</sup> A maioria dos londrinos (como o restante do país) se opunha à guerra no Iraque e Afeganistão. Tragicamente foram eles que sofreram o golpe e pagaram o preço pela reeleição de Blair e pela continuação da guerra.

<sup>18</sup> Tariq Ali é editor da revista *New Left Review*, editada em Londres e autor, entre outros livros, de *Bush na Babilônia* (editora Record).

O fato da Guerra no Afeganistão não ser algo corriqueiro na vida dos europeus, não a torna menos violenta, não significa que a ira e a amargura que despertam no mundo muçulmano e nas comunidades de sua diáspora seja insignificante.

O que falta aos olhos da Inglaterra (algo que na verdade está explícito para eles) para uma reestruturação própria e um menor risco de novos ataques é a estrutura e a coragem de reconhecer o terrorismo de Estado praticado pelos EUA - o qual a Inglaterra também se tornou praticante – na negação de que o bombardeio de pessoas inocentes é idêntica barbaridade em Bagdá, Jenin, Cabul como em Nova York, Madri ou Londres. E, a menos que isso seja reconhecido, os horrores continuarão.

## **6. SEGURANÇA INTERNACIONAL**

Quem garante a segurança internacional? O que nos tranquiliza para dormirmos em paz, na certeza de que não haverão ataques, invasões ou bombas sobre o nosso teto?

Essa estabilidade é garantida historicamente, que mostra nos livros que ou se estabelece uma mutualidade de respeito ou o mundo se acabaria.

Aparentemente, há um sistema eficaz de segurança internacional que garante o bom andamento social internacional, regula as ações diplomáticas e ainda prevê a ação jurídica dos atos internacionais de cada país. Realmente, sabemos que não é dessa maneira que a segurança internacional é garantida.

As relações internacionais, além de terem seu campo de ação na hipocrisia, é uma tentativa multilateral de governo. O que enfraquece essa segurança coletiva é o próprio limiar da mesma. Ilustrativamente, as relações internacionais são como um pêndulo que tendem ao equilíbrio, mas que constantemente vão de um extremo ao outro, do multilateralismo ao unilateralismo.

A guerra contra o terrorismo tende para o lado unilateral, mesmo que não seja uma tentativa de dominação completa, direta e universal, essa ação desenfreada e de legítima defesa obriga os que tão de fora a aderirem a esse modelo, pelo único motivo de que a segurança internacional é colocada em xeque. O discurso de que “ou estão comigo ou estão contra mim”, é de raiz totalitária e de risco, pois compromete a vida de todos que estão ao redor do conflito, ou seja: O mundo.

Uma vez entendido que a segurança internacional regula as relações entre estados cabe compreender, quem dita às normas de segurança? Quem as regula, no momento da guerra? O que as considera eficazes ou não?

Quem regula todo o sistema de segurança internacional é o Direito. O que o torna legítimo ou não, são os países, que tem o direito de adesão ou não as normas propostas.

Nesse período de guerra contra o terror a ineficácia do sistema se torna explícita porque os EUA abrem mão de todos os princípios que asseguram a segurança coletiva e até mesmo o próprio respeito à vida, garantia fundamental a todo e qualquer cidadão, garantia que é assegurada de forma legal e legítima a todo e qualquer cidadão, sob as asas do Direito.

Entretanto, ainda que garantida pela lei, o Direito se ilustra como a espada e balança, ilustração a qual os países se aproveitam, pois é bem claro de que não há o equilíbrio das regras sem que haja a força da espada para garantir esse bom andamento social e a preservação de um bem comum e são esses erros próprios da justiça que dificultam o alcance a paz tão almejada. Sobre a relação direito-força, balança e espada, Rudolf Von Ihering, em sua *magnun opus*<sup>19</sup>, dá à insegurança da conjuntura mundial uma expressiva lição: "A espada sem a balança é a força bruta, a balança sem a espada, a impotência do direito".

Ainda dentro da gama errônea que o Direito nos concede, não há entidade superior e competente para a garantia da segurança internacional como um todo, de tal maneira que se torna tortuosa, imprevisível e aterrorizante qualquer período de tensão entre nações, isso porque, com o grande aparato tecnológico disponível hoje, um único mundo adquirir proporções pequenas as vontades dos que por algum motivam dominam.

Quando os EUA decidiram contra atacar o Afeganistão, todo esse sistema de segurança construído sobre a igualdade entre os países e o respeito mútuo, cai por terra.

A ONU, uma das reguladoras desse sistema, mostrou-se incapaz de ação, uma vez que bem ou mal, é controlada pelo conselho de segurança. Quando Ridruejo afirma que o sistema só seria eficaz no caso de harmonia dos membros permanentes, jamais no caso de interesses mundiais hegemônicos e antagônicos das grandes potências, ele não está errado, pois como ele mesmo disse, o sistema fracassou, pois o pressuposto político em que estava sentado – o entendimento dos membros permanentes – não foi realizado. Com a negação e o desrespeito das instâncias multilaterais de resolução de conflitos,

---

<sup>19</sup> Jusfilósofo alemão Rudolf Von Ihering, autor de *A Luta Pelo Direito*, constituem presságio do funcionamento hodierno do sistema de segurança internacional à luz dos paradigmas do Direito Internacional Público

notadamente por meio do Conselho de Segurança, com seus quinze Países-Membros, surge a tese de ascensão do realismo e de um estado da natureza hobbesiano de segurança coletiva internacional, quase institucionalizando um multilateralismo belicoso e de exceção. A anarquia internacional toma lugar do funcionamento lúcido e necessário da Comunidade Internacional pelo DIP e pela legitimação da ONU.

O sistema de segurança coletivo consubstanciado nos Capítulos VI e VII da Carta da ONU (1945), apresentou-se ao ambiente internacional, devastado por duas grandes guerras, como a possibilidade do estabelecimento da paz global duradoura, orientada pela solução pacífica de controvérsias, salvaguardada a utilização da força apenas nos casos de legítima defesa individual ou coletiva. Como instancia interna do Organismo, responsável pela resolução das desavenças, criava-se o Conselho de Segurança e como instrumentos garantidores da aplicação das decisões desse órgão previa-se a imposição de sanções econômicas, político-diplomáticas e, em casos extremos e ameaçadores da paz coletiva, de ações militares. Convém ressaltar, que a força aqui referida é a força legítima, defensora da supremacia do Direito Internacional – é a espada a que se referia Ihering.

É explícita a necessidade por mudanças na estrutura dos órgãos principais da ONU (como o conselho de segurança), essa conjuntura de unilateralismo truculento e arbitrário vem tornando clara a necessidade de se rediscutir e redefinir seu papel como guardião da paz e da segurança coletiva. Ecoam mais fortes as aclamações por um Conselho de Segurança mais amplo, democrático e legitimamente representativo em que o poder decisório possa ser estendido a um número maior que os cinco atuais membros permanentes, congregando nações que por sua liderança regional possam representar as posições das diversas localidades e culturas do mundo, democratizando, legitimando e fortalecendo, dessa forma, a resolução dos conflitos na esfera global.

Porém enquanto isso não ocorre teremos que lidar com adversidades, como a invasão ao Afeganistão. É nessa ineficácia que fica a indagação de onde se encontra o Direito.

Os EUA ignoraram o Direito, uma vez que por destinação ética, ele converte em jurídico, tudo aquilo em que toca, para dar-lhe condições de realizabilidade garantida, em harmonia com os demais valores sociais, então era mais conveniente ignorar tal ação, já que se inseriram num cenário hipócrita de guerra, o que seria dos grandes defensores da democracia e da justiça, se todo seu legado fosse manchado com a imprudente ação suja, injusta e sem preceitos. Contudo ainda que regras dos direitos

humanos sejam violadas, juridicamente, não há leis que impeçam a ação de nenhum Estado, pois cada um tem garantia à sua hegemonia e a infração dessa já implica em erro. Mas quanto às vítimas que continuam se alastrando, o que fazer a respeito dessas, uma vez que seu número não para de crescer. Quando a ONU em 1948 aprovou a declaração universal de direitos humanos considerados naturais, isto é, pertinentes a todas as pessoas ao nascer, sem distinção de raça, religião e sexo, não obstante 53 anos (a contar até os ataques do 11 de setembro) depois, esses direitos deveriam ser respeitados, abandonando assim o legado de todo poderoso, onde se ignoram os meios para se alcançar o fim aspirado.

A ineficácia da segurança se dá mais por um cunho moral e cultural do que propriamente jurídica. A invasão no Afeganistão é regulada pelo Direito, ainda que infelizmente. Muitas relações amorais ou imorais realizam-se a sombra da lei. A própria ação jurídica dos EUA se dá por uma forma diferente da utilizada por nós, eles se guiam sob a luz do *common law*<sup>20</sup> o que faz o mundo ter que se calar ainda mais, diante do respeito a cada cultura. Desse modo fica claro que há um ordenamento interno e um externo, que se refere ao ordenamento internacional, meio tão conturbado.

Cabe ainda citar a violação do artigo 35 do I protocolo de Genebra, que garante o direito de escolha aos métodos e meios de fazer a guerra de cada parte, mas que proíbe aqueles que causem males supérfluos e sofrimento desnecessário, assim como os concebidos para causar o que se possa prever danos extensos, duradouros e graves ao meio.

Quando um tratado é firmado, não se tem a garantia de que ele será cumprido, pois como já foi explicitado, não há quem regule essa ação, mas uma vez infringido, a pesar a causa, estarrece o mundo, o qual passa a julgar e efetivar a ação do outro estado, ou seja, diante dos fatos, fica fácil entender o porquê da falha na segurança internacional. Deve-se, na luta contínua, buscar preservar, ou melhor, resgatar os direitos inalienáveis dos Estados-Nações menos privilegiados e representados por justiça, imageticamente perpetuada nos olhos fechados com a balança dos valores à tolerância, ao respeito, à integridade e à obediência irrestrita a legitimidade da Organização das Nações Unidas.

---

<sup>20</sup> É um Direito não baseado nas leis, mas antes nos usos e costumes consagrados pelos precedentes firmados através de outras decisões, ou seja, essa conduta explica o porquê da falta de alguma lei que impedisse a conduta dos EUA como foi.

Essa ineficácia só será sanada, quando em uma passagem progressiva da solução armada, essa transgredir para o seu superamento nos quadros do Direito.

## **7. AS NOVAS POLÍTICAS EXTERNAS**

Durante a Guerra Fria, os interesses geopolíticos e econômicos dos EUA se mesclaram e se complementaram. Os exemplos mais significativos foram, na própria origem desse período, a elaboração da Doutrina Truman, de cunho geopolítico, e o Plano Marshal, de cunho econômico<sup>21</sup>.

A OTAN é importante aliada dos EUA atualmente, datada desse período, atualmente tropas da organização permanecem na invasão do Afeganistão.

Para espanto de muitos a doutrina Bush, já estava em gestão desde o início da década de 1980, quando estrategistas da linha dura – um grupo conhecido como os neoconservadores – convenceram o presidente Ronald Reagan a lançar uma corrida armamentista para derrotar os soviéticos na Guerra Fria. Pouco depois a URSS mergulhou numa grave crise e acabou por se dissolver em 1991.

Findada a Guerra Fria, o declínio da paz impossível, da guerra improvável, a dissolução do antagonismo até então insolúvel, surge a nova (des) ordem mundial. A linha dura norte-americana interpretou a vitória na Guerra Fria como um sinal verde para o uso irrestrito da força.

No governo do primeiro George Bush (pai), os neoconservadores formularam a atual estratégia da supremacia absoluta. Com o fim da URSS, o gigante norte-americano, poderia, de forma inédita, impor suas vontades políticas e econômicas sem nenhuma resistência militar, situação a qual os neoconservadores defendiam com vigor e a desejavam para sempre. Para isso o objetivo principal seria impedir o surgimento de qualquer adversário capaz de contrariar os interesses dos EUA em qualquer parte do globo.

No governo seguinte, de Bill Clinton, do Partido Democrata, o país adotou uma retórica liberal, com ênfase na globalização econômica e na cooperação com os países aliados, sem falar em supremacia. Na realidade Clinton manteve um intenso ativismo militar, um total de 48 intervenções militares no exterior, em oito anos de mandato –

---

<sup>21</sup> O objetivo fundamental da Doutrina Truman era a contenção do socialismo, a idéia era de impedir o expansionismo da União Soviética, criando alianças militares como a OTAN, para isolá-la. Complementando a Doutrina Truman, George Marshall, idealizou um plano de ajuda econômica para acelerar a recuperação dos países da Europa ocidental.

mais do que nas quatro décadas de Guerra Fria. No governo de Clinton, formou-se um consenso entre os dois grandes partidos dos EUA, a respeito de objetivo longínquos: a construção de um “império”.

Entretanto, entre os anos de 1991 e o de 2008, o cenário internacional assistiu ao desenvolvimento de uma política externa norte-americana cada vez menos crente na prática do multilateralismo e cada vez mais voltada para a atuação unilateral, principalmente no plano da segurança mundial.

As teses neoconservadoras voltaram a aparecer, quando houve um regresso dos republicanos à Casa Branca, em 2000, depois de uma controvertida vitória eleitoral de George W. Bush (filho) <sup>22</sup>. Nesse momento sob a influência de neoconservadores, o novo presidente recusou-se a assinar o Protocolo de Kyoto de defesa do meio ambiente e rompeu vários tratados internacionais.

O inimigo já havia sido escolhido; o Iraque, mas faltava-lhe o caminho de colocar esse plano de ação em prática. A “síndrome do Vietnã” ainda vivia na opinião pública. Cautelosos, os EUA decidiram que só usariam força contra o Iraque se tivessem um amplo apoio da população, pois era sabido que a operação só teria êxito caso houvesse um evento dramático o suficiente para mobilizar o público em favor de um esforço guerreiro.

Propiciamente aos desejos dos EUA, os atentados de 11 de setembro, foram a fagulha que faltava para o grande plano de ação norte-americano. Era intolerável para um governo tão conservador (ainda que discretamente) ficar calado diante de um ataque dessa magnitude inédita em território americano.

A partir desse momento, as novas políticas externas se delimitam de forma clara dentro de um padrão protecionista, unilateral e realista. No caso dos EUA, políticas neoconservadoras há tempos escondidas, tomaram as frentes internacionais sem nenhuma barreira e ainda com apoio popular. A coação estatal foi clara e conveniente para o cumprimento das pautas do governo Bush. Pode-se dizer (ironicamente) que foi um atentado que caiu do céu.

O que não se esperava era a magnitude dos ataques e principalmente a repercussão mundial que essas ações teriam. Direta ou indiretamente cada passo norte-americano, recairia sobre todo o mundo, de forma positiva ou não, uma vez que a nova ordem instituída seja multilateral, ainda que hajam fortes indícios de uma ordem

---

<sup>22</sup> Vide página 10, nota 12.

unilateral. Isso é possível graças à proporção militar a qual os EUA ocupam e que até hoje é almejada por muitos, não que seja algo impossível, mas é uma aspiração muito ambiciosa o pessimista, de tal modo que seria uma afronta arriscadíssima, querer igualar-se ao grande falcão militar.

No dia 1º de junho de 2002, os EUA se arrogam o direito de usar a força, sem aviso prévio, contra qualquer país que considerem uma ameaça à segurança nacional. A nova ordem do governo de Washington é atacar preventivamente, mesmo na inexistência de qualquer agressão anterior.

“Temos de combater o inimigo, destroçar seus planos e enfrentar as piores ameaças antes que elas se concretizem” proclamou Bush. Inaugurava-se uma nova fase, um período em que o fator decisivo é a esmagadora superioridade dos EUA. “Os EUA (resumiu o presidente) possuem e pretendem manter uma força militar acima de qualquer possibilidade de desafio”

Um discurso audacioso do presidente Bush, que não comensurava a magnitude dos próximos oito anos mandados por ele. A proclamação da supremacia dos EUA, sobre todos os demais países, inclusive antigos aliados na luta contra a URSS, subestimou a ação dos atacados.

O governo Bush se aproveitou da onda de solidariedade internacional dos EUA após os atentados para impor ao mundo inteiro as novas regras do jogo. Logo ficou claro que a guerra contra o terror era o ponto de partida para uma ofensiva mais ambiciosa.

Para os neoconservadores, o Iraque era apenas o início de um plano de grande alcance, com o objetivo de substituir vários outros governos do Oriente Médio, por regimes aliados dos norte-americanos. Mas as coisas não ocorreram conforme o figurino traçado na Casa Branca. E quanto ao Afeganistão? A erradicação do Talibã, não ocorrera, ainda que o governo tenha caído, o grupo não foi exterminado e suas ações continuam a existir, seus planos continuam sendo fomentados e a ocupação continua americana só aumenta a audácia dos terroristas. A “Doutrina Bush” que tinham por base a hostilidade e o combate intransigente às “ameaças à civilização” inaugurou um período de ação militar unilateral que por vezes atuou acima das leis e da política internacional.

“A política externa de Bush, é uma resposta equiparada ao terrorismo de Osama Bin Laden, os EUA responderam com terrorismo “original” o terrorismo “às

escuras” de Osama, diferenciando-se apenas em dimensão; enquanto Osama destruiu duas torres, os EUA destruíram um país inteiro.

Após oito anos de uma guerra sem preceitos, uma guerra sem fim, uma “liberdade duradoura” que se reflete em algemas eternas, a política dos EUA se enfraqueceu, a população já não era favorável as ações irregulares do governo, as metas já não eram mais alcançadas, e Bush enfrentava um difícil final de mandato.

O plano ambicioso de Bush nessa luta (já desgastada e talvez já inútil a esses moldes) fechou os olhos aos próprios problemas nacionais. Quando no difícil decorrer do ano de 2008 a crise financeira estoura, chega o momento o qual a economia enfraquece, logo surgem rachaduras no “gigante” império que o EUA se auto-intitularam. O grande defensor do liberalismo e financiador da primeira grande guerra declarada do séc. XXI (guerra contra o terror) se contradiz e luta para a aprovação da liberação de dinheiro estatal para injetar na economia na esperança de que a grande máquina armamentista não parasse de funcionar. A um primeiro ver, parece estranho comparar a crise econômica de 2008 com o financiamento das guerras sujas do oriente médio, principalmente da ainda corrente ocupação afegã, mas os EUA apesar da sua hegemonia militar incomparável, no plano econômico, são obrigados a compartilhar a liderança com rivais importantes, como a União Européia, o Japão e mais recentemente a China

Um grande enfraquecimento econômico acarretaria num efeito dominó de queda da grande potencia. Isso fragilizaria a posição do país, o colocaria dependentes de economias emergentes e ainda os colocariam propícios a novos ataques, uma vez que a economia caminhava a um grande frangalho.

Ainda num momento de crise, as ações de guerra, perdem um pouco de foco, ainda que sejam de papel fundamental ao momento que se inicia: As eleições. Após oito anos de ascensão e queda, os EUA vêem a nova possibilidade de mudança, a grande potencia, continuou a ser grande, mas um grande reduto de pessoas fragilizadas e desesperadas, que abriram os olhos (mesmo que minimamente) as ações do estado e depositaram sua esperança no novo candidato, que os tiraria do buraco que foram lançados, melhoraria a imagem nacional diante do mundo, alavancaria novas políticas externas e ainda traria um sentimento de renovação atrelado ao de uma nova paz, já que o mal instituído pela figura de Bush (filho) estava se esvaindo rapidamente.

Com presença histórica dos eleitores. O democrata negro Barack Obama é eleito, com uma maioria em torno de 65% dos eleitores. O próprio Obama afirma que o momento da mudança chegou à América.

No dia 20 de janeiro de 2009 o senador Obama toma posse, tornando-se o 44º presidente americano. Ele herdará uma economia em frangalhos e a oportunidade de reestruturação da errônea política Bush, Obama foi eleito na consciência de que o eleitorado quer uma mudança significativa na área de política externa de Bush. A mudança pode ser um fortalecimento do multilateralismo, em detrimento do unilateralismo dos EUA como “única superpotência mundial”.

Obama chega ao poder com duas guerras já em andamento, elas não são inerentes ao seu mandato, mas uma herança maldita de um legado sujo o qual ele tem “obrigação” de mudar.

Talvez o Afeganistão seja o maior desafio de sua nova política, pois enquanto a guerra no Iraque parece estar acabando a do Afeganistão está se intensificando.

Após 8 anos de invasão americana o Talibã continua a existir, vivendo como uma operação de guerra de guerrilha com base na área montanhosa e em grande parte tribais na fronteira Paquistão-Afeganistão. Como o tempo passou, e o foco militar americano foi desviado para a invasão e ocupação do Iraque, os talibãs se reagruparam e começaram a estender a sua influência no sul do Afeganistão. Sua ascensão foi assistida por um ressurgimento do comércio de ópio, que ajudou a encher os cofres do grupo, o que dificulta ainda mais as previsões para a nova ação norte-americana.

Lidar com vastas áreas e recursos humanos limitados, a coalizão liderada pelos americanos continuaram a manter as cidades e rodovias ocupadas, mas, lidar com uma revolta mais vigorosa dos talibãs, os EUA foram obrigados a ceder grandes partes de ação para os Talibãs. As baixas entre as forças de coalizão montadas e as condições no terreno deteriorado, fizeram com que os talibãs migrassem a para o Paquistão, levantando preocupações sobre sua estabilidade. O Afeganistão tornou-se uma vez mais uma prioridade de política externa para os aliados ocidentais.

A OTAN assumiu o comando da International Security Assistance Force (ISAF) no Afeganistão desde agosto de 2003, mas as operações da OTAN no Afeganistão têm sido atormentada por desentendimentos entre os membros da aliança sobre deslocamento de tropas, o que comprova o cansaço dos aliados nessa empreitada que já perdura por tempo demais, sem respostas realmente eficazes e concretas. Essas comprovações mostram a fragilidade que Obama tem que enfrentar pela frente.

Ainda que para os EUA, melhorar a situação no Afeganistão significa melhorar o desempenho do governo afegão e tentar desenvolver uma política mais eficiente no Paquistão (o qual ainda não tem posição definida) para minar os esforços do talibã e da Al-Qaeda, os EUA continuam reféns de tais organizações terroristas, e enquanto ocorrer esse sentimento de recusa, sempre haverá a oportunidade de novos ataques, ainda mais que a “Liberdade Duradoura” é um programa militar de ocupação estrangeira no Afeganistão. Os EUA nunca poderiam enviar tropas suficientes para pacificar e proteger o país que se espalha por conta própria e deve contar com a ajuda de parceiros internacionais, incluindo a OTAN e forças afegãs (mas os aliados europeus têm permanecido evasivos sobre o envio de tropas adicionais ao Afeganistão)

O plano de Obama como presidente para ampliar envolvimento dos Estados Unidos no Afeganistão foi moldada por um debate em que o vice presidente Joseph R. Biden Jr. Alertou que o país poderia entrar em uma crise política e militar, enquanto conselheiros militares argumentaram que o esforço de guerra no Afeganistão poderia ser ameaçado sem o envio de mais tropas. Todos os assessores do presidente concordaram que o objetivo principal na região deve ser estreito - na mira da Al-Qaeda - em oposição à tentativa da administração Bush no Iraque.

Em fevereiro de 2009, Obama disse que iria enviar um adicional de 17.000 soldados americanos ao Afeganistão na primavera e no verão. A ordem vai acrescentar cerca de 50 por cento, para os 36.000 soldados norte-americanos já estão lá. Além do aumento de tropas, Obama nomeou Richard Holbrooke, ex-embaixador das Nações Unidas, como enviado especial para o Paquistão e o Afeganistão. Holbrooke tem mais de 45 anos de política externa e experiência diplomática, incluindo a negociação de um acordo entre as facções em guerra na Bósnia, que levou a 1995 os acordos de paz de Dayton.

Ainda que Obama garanta o envio de novas tropas ele afirma que não haverá um anúncio repentino de alguma grande mudança na estratégia e prometeu que o tema será amplamente debatido, não só no congresso, mas em todo o país antes de tomar qualquer outra decisão.

A eleição de 20 de agosto foi em quase oito anos desde a invasão liberada pelos, um momento de ordenamento político, propriamente dito. Mesmo com a derrubada do Talibã, a situação de segurança no país se deteriorou e a credibilidade de liderança afegã, desceu tão baixo, que a capacidade do governo realizar as eleições

estava posta em dúvida. Mas os ataques do Talibã mataram pelo menos 30 pessoas, e aqueles que votaram, oscilaram entre uma possível resolução e terror.

Não obstante as autoridades americanas se apressaram a declarar o sucesso das eleições – a pena de manterem o compromisso de expansão de tropas e injeção de dinheiro, para uma cada vez mais impopular e corrupção de governo.

O problema dessa continuidade da guerra no Afeganistão é que a morte passa a ser medida não mais pelo rigor das balas, mas pela habilidade das bombas. Embora a insurgência afegã de dispositivos explosivos improvisados serem menos poderosos e complexos do que as improvisadas pelo Iraque, eles estão se tornando mais comum e mais sofisticados a cada semana, o que dificulta ainda mais essa ação duvidosa de ocupação dos EUA. O país tem investido em tecnologias que protejam as tropas dessas bombas. O que choca a todos é que com um aparato tão inferior ao dos EUA, o Afeganistão consegue manter o marionete americano sempre em suas mãos. Autoridades americanas afirmam que os Talibãs são redes guiadas em surpreendentes camadas, envolvendo financiadores, especialistas em logísticas, designers e formadores de bomba, porém, os implantadores das bombas, são civis que sofrem com a escassez da guerra e por ninharias implantam as aramas e servem como observadores.

Diante de tantas atrocidades, ainda que agora seja em escala menor, a guerra contra o terror pode ter menos força no governo Obama. Ele quer se concentrar em vencer a batalha de ideais, ao voltar a uma política externa americana consistente com os valores tradicionais americano, fazendo parcerias com moderados no mundo islâmico para contrabalançar a propaganda da Al-Qaeda.

No entanto não se deve esquecer que Obama é o presidente dos EUA e ele não pretende hesitar no uso da força contra ações terroristas que ameacem diretamente o país. Em seu discurso sobre a segurança nacional fica claro seu viés protecionista e nacionalista, contudo o que garante certo otimismo em relação ao governo de Obama é sua “justiça” em causas inerentes a outros cidadãos e culturas.

Mas ainda assim ele comprova seu patriotismo e proteção em primeiro lugar quando afirma: “Estes são tempos extraordinários para nosso país. Vivemos uma crise econômica histórica. Estamos travando duas guerras. Enfrentamos uma gama de desafios que vão definir a maneira como os americanos vão viver no século 21. Não falta trabalho a ser feito, nem responsabilidades a carregar. Em meio a todos esses desafios, porém, minha mais importante responsabilidade isolada, como presidente, é

conservar a população americana em segurança. Essa é a primeira coisa na qual penso quando acordo pela manhã. E é a última coisa na qual penso quando me deito.

[...] Essa responsabilidade é amplificada numa era em que uma ideologia extremista ameaça nossa população e em que a tecnologia confere a um punhado de terroristas o potencial de nos causar muito mal. Menos de oito anos se passaram desde o mais mortífero ataque em solo americano em nossa história. Sabemos que a Al Qaeda está planejando ativamente nos atacar novamente. Sabemos que essa ameaça estará conosco por muito tempo e que precisamos empregar todos os elementos de nosso poder para derrotá-la.

Já demos vários passos para alcançar essa meta. Pela primeira vez desde 2002, estamos fornecendo os recursos e a direção estratégica necessários para levar o combate até os extremistas que nos atacaram no 11 de setembro, no Afeganistão e Paquistão. Estamos investindo nas capacidades militares e de inteligência do século 21 que nos permitirão ficar um passo à frente de um inimigo ágil. Reenergizamos um regime global de não proliferação, para impedir o acesso das pessoas mais perigosas do mundo às armas mais mortíferas do mundo, e lançamos um esforço para garantir a segurança de todos os materiais nucleares mal protegidos, dentro de quatro anos. Estamos protegendo nossas fronteiras de modo melhor e intensificando nosso preparo para enfrentar qualquer ataque ou desastre natural futuro. Estamos construindo novas parcerias em todo o mundo para desorganizar, desmontar e derrotar a Al Qaeda e suas organizações filiadas. E renovamos a diplomacia americana, de modo que voltamos a possuir a força e a o status para verdadeiramente liderarmos o mundo.

Todas essas medidas são cruciais para conservar a América em segurança. Mas acredito desde o mais profundo de meu ser que, no longo prazo, não poderemos manter este país em segurança a não ser que contemos com o poder de nossos valores mais fundamentais. Os documentos que guardamos neste próprio salão --a Declaração de Independência, a Constituição, a Declaração dos Direitos dos Cidadãos-- não são apenas palavras escritas sobre pergaminhos envelhecidos. São os fundamentos da liberdade e da justiça neste país e são uma luz que brilha para todos os que buscam liberdade, justiça, igualdade e dignidade no mundo [...] Digo isto não simplesmente como questão de idealismo. Defendemos os valores que nos são mais caros, não apenas porque fazê-lo é o certo, mas porque fortalece nosso país e nos conserva em segurança. Repetidas vezes nossos valores têm sido nosso maior bem de segurança nacional --na guerra e na paz; em tempos de prosperidade e em eras de turbulência.

A fidelidade a nossos valores é a razão pela qual os Estados Unidos da América se converteram de um pequeno grupo de colônias sob a égide de um império em a nação mais forte do mundo.

É a razão pela qual soldados inimigos se têm rendido diante de nós no campo de batalha, cientes de que receberiam tratamento melhor das forças armadas da América de que de seu próprio governo. »<sup>23</sup>

É evidente que as relações tomaram um novo rumo e alcançaram um novo patamar pós 11 de setembro, e principalmente as políticas externas, e pasmem a atual política externa dos EUA, tem essa consciência, tanto que seu presidente afirma (claro que de forma favorável) que infelizmente, quando eles se viram diante de uma ameaça incerta, o governo tomou uma série de decisões apressadas. Ele ainda afirma acreditar que tais decisões foram motivadas por um desejo sincero de proteger o povo americano, mas acredita também que, com frequência demasiada, o governo tomou decisões baseadas no medo, em lugar de visão de futuro e que aprou fatos e evidências para que se adequassem a predisposições ideológicas. Ele acredita que em vez de aplicar o poder e seus princípios estrategicamente, freqüentemente demais deixaram esses princípios de lado, como se fossem luxos com os quais não poderiam mais arcar. Em suma, eles se desviaram do próprio rumo, e isso é um reconhecimento que parte tanto do governo quanto do povo, ambos compreendem que as decisões tomadas anteriormente criaram uma abordagem de medida contra o terrorismo as quais não era nem eficaz nem sustentável e ainda reconhecem que não se pautaram as ações nas tradições legais, nem nas instituições e que se deixaram levar pela falta dos próprios valores.

Cabe esperar para ver como serão as próximas respostas as ações terroristas, tanto as passadas quanto as atuais, e os EUA estão convictos de que os terroristas só poderão vencer se incharem suas fileiras e distanciarem a América de seus aliados, e os terroristas terão grande resistência a enfrentar se os EUA se mantiverem fiéis a seus parceiros, se forjarem abordagens duras e duráveis ao combate ao terrorismo, abordagens que tenham seus alicerces nos próprios ideais atemporais norte-americanos. Esse deve ser o objetivo comum dos EUA.

Por fim Obama discursa “Concorri à Presidência porque acredito que não podemos solucionar os desafios de nosso tempo se não os solucionarmos juntos. Não estaremos em segurança se enxergarmos a segurança nacional como uma cunha que

---

<sup>23</sup> Discurso de Obama sobre a segurança nacional dos EUA 21/05/2009 Tradução de Clara Allain

divide a América - ela pode e deve ser uma causa que nos une como um só povo, uma só nação. Já o fizemos antes em tempos que eram mais perigosos que os nossos. O faremos novamente.”

Agora é esperar com determinação e otimismo que a política externa passe a se delinear de forma duradoura na aplicação das leis e dos processos justos; nos freios e contrapesos e na responsabilidade que pode ser cobrada de quem é devida, como promete os EUA.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não restam dúvidas de que o cenário das relações internacionais contemporâneas é um meio incerto.

Atualmente, dentro do cenário internacional, cada palavra dita colabora para uma nova ação externa e culmina no balançar do pêndulo que intitulamos como relações entre estados. Em relações internacionais não existem amigos ou inimigos permanentes, todos têm em mente seus interesses e prioridades em primeiro lugar.

Deve-se ter uma visão realista do decorrer dessa historia atualmente e entender que por dados históricos, quando o assunto é Oriente médio, os governos americanos – democratas ou republicanos – têm algumas prioridades, e democracia e direitos humanos não estão entre elas.

O Terrorismo de Estado nem o terrorismo por grupos individuais irão acabar, pelo contrario sempre haverá grupos dispostos a lutar desenfreadamente por ideal que esteja acima deles e até mesmo acima do Estado, entretanto cabe ao EUA hoje, regular ações que diminuam a probabilidade de futuros ataques, sanem os atuais e que pelo menos ressurja a segurança de saber quando e de onde virão os mísseis.

A esperança de que o século 21, como dizia Noberto Bobbio na Era dos Direitos, descortinasse um tempo em que a enunciação dos direitos (século 20) fosse seguida de suas garantias foi definitivamente tisonada, visto que não só a garantia de que cada nação deve escolher seu próprio destino, deixou de existir, como o que é pior, os direitos foram definitivamente sepultados por um país que é o mais forte em armas e o mais fraco no respeito aos povos e nações do mundo.

As ações terroristas além de ações bem planejadas têm repercussão na vida de todo e qualquer individuo e que quando tratada de forma incorreta acarreta uma série de problemas, não mais nacionais, mas sim internacionais. O inferno se forma no momento, em que se ignoram os civis e abraça a causa de uma luta por interesses particulares.

Enquanto houver políticas de ações impostas, sempre haverá riscos grandes a segurança coletiva e toda política externa dos contendores será colocada em xeque. O grande desafio hoje será abrir frentes de diálogos entre Oriente Médio para que a democratização parta do meio interno para o resto do mundo, enquanto tentar se estabelecer regras de formas desenfreadas e com respostas iguais aos ataques jamais sairemos desse cenário de desconfiança.

Com esperança, fervor e realismo, o mundo aguarda ansiosamente o dia em que a desconfiança mútua entre EUA e países do Oriente Médio não será mais assunto de injustiça e sangue, só assim, quem sabe poderemos respirar aliviados.

## **9. REFERÊNCIAS**

Analysis: Who are the Taleban? BBC news Wednesday, 20 December, 2000

ASH, Timothy Garton. A nova desordem multipolar. Estado de S. Paulo, São Paulo, 21 jul. 2006. Internacional, p. A13.

DAO, James 14 de julho de 2009, New York times on line

“Barbaridades de Blair e Bush”, publicado na Folha de São Paulo do dia 8 de julho de 2005, página 8, Caderno Especial.

BULL, Hedley. A Sociedade Anárquica: Um Estudo da Ordem Política Mundial. São Paulo, Editora da UnB-IPRI-Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CASTRO, Thales Cavalacanti. Direito internacional público e a segurança internacional: metáforas imagéticas pós-intervencionismo no Iraque. Jus Navigandi, Teresina, ano 7, n. 66, jun. 2003. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=4187>

CERVO Luiz Amado: o livro na rua; conferências internacionais da ONU Fundação Alexandre Gusmão

CHOMSKY, Noam. A nova guerra contra o terror Palestra feita pelo autor em 18 de outubro de 2001 no Fórum de Tecnologia e Cultura do Massachusetts Institute of Technology (MIT), EUA. Pag. 10.

DAVID, Heylen Campos 11 de Setembro e outras mentiras que nos contaram

ELIAS, Fernando Lopes Ferraz. 2007 PARA ONDE CORRE O SANGUE LIBANÊS? A ineficácia do sistema de segurança coletiva internacional perante a guerra suja israelense no Líbano.

FOUCAULT, Michael. Microfísica do poder Revista espaço acadêmico – ano I – n° 09 – fevereiro de 2002, mensal Por PAULO ROBERTO DE ALMEIDA

FUSER Igor. Geopolítica: o mundo em conflito – São Paulo: editora salesiana 2006 (serie radar)

HOBBSAWN, Eric. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. Rev. Maria Célia Paoli. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1.996.

IHERING, Rudolf Von. A Luta Pelo Direito. São Paulo, Forense, 1992.

Carta das Nações Unidas e o Estatuto da Corte Internacional de Justiça. Nova Iorque, Departamento de Informações Públicas, 1993.

MARTINS, Ives Gandra. O terrorismo oficial de bush. Folha de São Paulo 9 de abril de 2003 p.A3

MOREIRA, João Carlos: Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização / João Carlos morreira, Eustáquio de Sene – Ed.reform. – São Paulo: Scipione, 2004.

OLIC, Nelson Bacic. O (quase) desconhecido Afeganistão: revista pangea quinzenario de política, economia e cultura. Geografia 30/10/2001

REALE Miguel, 1910: lições preliminares de direito / Miguel Reale. - 26 ed. Ver. – São Paulo: Saraiva 2002

REVISTA VEJA Edição 1 719 - 26 de setembro de 2001

REVISTA VEJA Edição 1 768 - 11 de setembro de 2002 O dono do mundo

RIDRUEJO, José A. P. Curso de derecho internacional público y organizaciones internacionales. 6. ed. Madrid: Tecnos, 1.996.

SCHMITT Eric: Afghanistan. 16 de setembro de 2009 NY times online, disponível em:  
<http://topics.nytimes.com/top/news/international/countriesandterritories/afghanistan/index.html?scp=1-spot&sq=afghanistan&st=cse>

VERÍSSIMO, Luis Fernando. O bom terror. Estado de S. Paulo, São Paulo, 13 ago. 2.006. Cultura, p. D14.

VILLA, Rafael Antonio Duarte. Da Crise do Realismo à Segurança Global Multidimensional. São Paulo, AnnaBlume – FAPESP, 1999.